

# Medicina pelo telefone

Guilherme Bastos

## *Hospital liga para outros em busca de médico*

O mais importante instrumento usado ontem pelos médicos do pronto-socorro do Hospital Rocha Faria, do governo do Estado, em Campo Grande, foi o telefone. Marcelo Santos de Oliveira, de 1 ano, que deu entrada no hospital com suspeita de traumatismo craniano, esperou por quase quatro horas no colo de sua mãe para conseguir uma remoção para o Hospital Miguel Couto, da Prefeitura, na Zona Sul. O médico Luiz Alberto Damião, chefe do plantão formado por dois cirurgiões e três clínicos, ligou para cinco hospitais à procura de um neurocirurgião.

— Se fosse um caso muito grave, a criança morreria — admitiu Luiz Alberto.

Marcelo chegou ao Rocha Faria por volta das 10h30m. Ele sofrera um acidente de carro na Avenida Brasil. Marcelo Arildo de Oliveira e Jaqueline Souza Santos, pais do menino, foram atendidos no hospital. A mãe teve escoriações pelo corpo e o pai teve um dos dedos esmagado.

— Precisamos de um especialista e de fazer uma tomografia para diagnosticar — disse o chefe de equipe.

Entre 10h45m e 13h, Luiz Alberto ligou para vários hospitais. A maioria informou que não havia vagas. Conseguida a vaga no Miguel Couto, Luiz Alberto ficou mais meia hora no telefone para conseguir uma ambulância. O Corpo de Bombeiros conse-

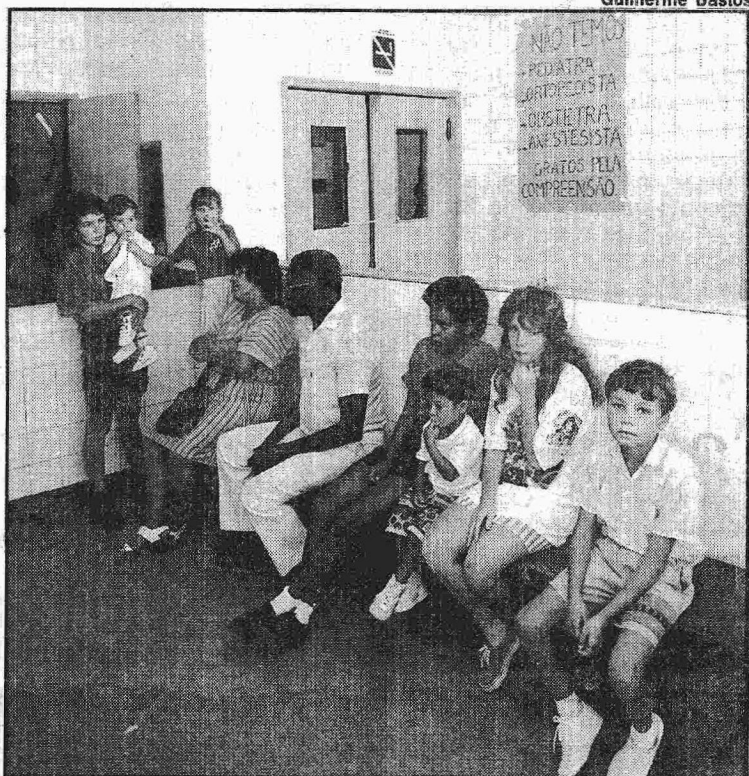


Marcelo espera no colo da mãe

guiu uma CTI móvel, mas sem médico. O chefe da equipe do Rocha Faria se responsabilizou pela remoção sem médico.

O restante do plantão no Rocha Faria não foi muito diferente. Pacientes com fraturas, gestantes com dores e crianças com febre voltavam ao encontrar na entrada da emergência um cartaz informando a falta de pediatras, ortopedistas, obstetra e anestesistas. Márcia Regina Nascimento chegou ao hospital com o pé inchado, sem poder andar. Chegou a ser medicada e tirou uma radiografia, mas o médico não apareceu para diagnosticar. Depois de esperar por duas horas, ela decidiu ir para Hospital Pedro Segundo, também da rede estadual, em Santa Cruz, mas ali igualmente não havia ortopedista.

Guilherme Bastos



Na emergência do Rocha Faria, o cartaz informa a falta de médicos